

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinema Experimental Português: O Cinema dos Artistas, Anos 60 e 70

27 de Novembro de 2025

MY EDUCATION / 1974-1980

Realização, Montagem, Produção: Vítor Pomar / Argumento: Vítor Pomar, baseado em textos de Franz Kafka / Música: John Lee, Henry Vonks, Rob de Broeck, Rui Calapez, Han Bennian.

Cópia digital, preto e branco, falada em português / Duração: 38 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

FILM / MUSICIAN'S PORTRAIT / 1979

Realização, Fotografia, Montagem, Produção: Vítor Pomar / Músicos: Larry Fishkind, Antonello Salis, Sean Bergin, Roberto Bellatalla, Tristan Honzinger,

Cópia digital, preto e branco, sem diálogos / Duração: 42 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Os filmes de Vítor Pomar são, em grande parte, um fruto do seu contacto com os cineastas da “avant-garde” das décadas de 1960 e 1970. Jonas Mekas, Stan Brakhage, Chris Marker, este trio é o trio identificado por Pomar como principal inspiração, ou desejo de interlocução – porque Pomar já transportava as suas próprias preocupações artísticas e “experimentais”, e porque era com este cinema (e aos autores mencionados podia-se acrescentar ainda vários outros nomes) que o realizador queria dialogar.

O que aconteceu a Pomar aconteceu com vários outros artistas e cineastas da sua geração. Chantal Akerman, por exemplo, que também foi muito influenciada por um leque semelhante de referências, e cujo cinema (sobretudo na década de 1970) deixou sempre estampado o rasto daquela mistura de brutalidade e limpidez, ao mesmo tempo muito “conceptual” e muito “materialista”, que era uma característica do cinema da vanguarda americana. Pensa-se nisso, ainda mais, quando se leem as palavras do próprio Pomar, numa apreciação retrospectiva das suas experiências com o cinema: *“uma interpretação que eu diria mitológica, no sentido de ousar uma representação total (?) da Realidade; (...) um TEMPO sem princípio, em que tudo está presente na dimensão do instante intemporal”*. Mas, e tal como Chantal, Pomar traz a esse embate com “representação total (?) da Realidade” e com um “TEMPO sem princípio”, um lastro cultural muito europeu e, de certa forma, muito “antigo”. **My Education** é um bom exemplo disso, um filme (montagem condensada de **R**, visto na sessão da tarde) que passa por imagens de natureza muito variada (corpos masculinos numa espécie de bailado abstracto, imagens de inundações em Florença, etc) mas que está sempre a puxar o seu centro de gravidade para o fora de campo, um fora de campo que aqui é consubstanciado pelo som e pela narração em “off” – o texto vem dos Diários de Franz

Kafka, a sua relação com as imagens que vemos raramente é directa, não se trata de praticar nenhum jogo de correspondências, mas justamente de escavar ainda mais o fosso entre banda de imagem e banda de som, sem mimetismo – condição, portanto, para um verdadeiro diálogo.

Esse resquício de “romantismo” europeu que Kafka traz a **My Education** (e “romantismo”, evidentemente, num sentido muito lato e coloquial do termo, antes que alguém se queixe de que estamos a chamar “romântico” a Kafka) desaparece por completo em **Film / Musician’s Portrait**. Até a primeira designação do filme – *film*, precisamente – aponta para a brutalidade materialista e para a imanência da imagem cinematográfica. Trata-se de uma pequena exposição quase estruturalista: uma sucessão de números musicais, a cada músico o seu instrumento, em sequência, filmados de cabo a rabo e em plano único. O diálogo entre banda de som e banda de imagem realiza-se plenamente e biunivocamente – tudo na imagem atira para o som, e tudo no som reenvia para a imagem. Há apenas matéria (visual e sonora) e a sua organização: esse é o *film*, essa é, no fundo, a essência de qualquer *film*.

Luís Miguel Oliveira